

# Apresentação

A Revista do IEB, espaço de debates destinado a abranger uma multiplicidade de temas, correntes de pensamento e linhas de pesquisa, ressurgiu com sua proposta integradora dos vários ramos das Humanidades, aceitando o desafio de pensar criticamente o Brasil e facilitar o diálogo entre as áreas do conhecimento – sem contudo transigir quanto às especificidades e, mesmo, ao rigor técnico de leituras especializadas. Trata-se, assim, de apresentar estudos específicos cujos resultados, por sua relevância ou significado teórico e metodológico, podem ou devem transcender compartimentos. Além disso, e com o idêntico propósito de abrigar debates em que sejam confrontados saberes de diversa proveniência, a Revista do IEB abre suas páginas tanto a análises de problemas do Brasil contemporâneo como a reflexões que investiguem dimensões teóricas dos estudos brasileiros. Nesse sentido, encara o desafio de erigir-se em espaço *aglutinador* – mas não harmonizador – das inúmeras fronteiras do conhecimento, as quais são, concomitantemente, como escreveu há tempos Gaston Bachelard, fronteiras do desconhecido.

A retomada e atualização da tradição da Revista tem como ingente desafio manter o seu patamar de excelência, pelo qual zelaram o antigo Conselho Editorial e sua incansável Editora, Yêdda Dias Lima. É portanto sob o peso de imensa responsabilidade que apresentamos este número. Mas, também, com enorme satisfação, pois ele tem muito a oferecer. Inicialmente, com o artigo de Roberto Vecchi (Universidade de Bolonha), que aborda uma temática não suficientemente explorada no Brasil: a da biopolítica (ver ainda o artigo de Ettore Finazzi-Agrò). Em seu texto, Vecchi estuda as representações culturais no Brasil contemporâneo a partir desse prisma, construindo uma leitura do livro de Marcelo Rubens Paiva, *Feliz ano velho* – a qual, dentre outros fatores, interroga-lhe o significado enquanto gesto político no contexto do período da ditadura militar e fornece uma chave explicativa para as pseudo-fotos de Vladimir Herzog publicadas em jornal em 2004. O artigo soma-se a uma série de trabalhos sobre o pensamento e a cultura brasileiros que o autor vem produzindo, e que merecem ser mais conhecidos por pesquisadores não especialistas em literatura.

Quatro outros artigos investigam os nexos entre cultura e sociedade em vários momentos da história do Brasil. Rodrigo Almeida Bastos (Universidade Federal de Ouro Preto) efetua um balanço da historiografia sobre o urbanismo luso-brasileiro colonial, propondo um caminho para a compreensão dos conjuntos arquitetônicos e urbanos das povoações mineiras do século

XVIII que implica o resgate das categorias estéticas de *regularidade, ordem e decoro*. Para tanto, perscruta tratados e dicionários do período e dá continuidade ao diálogo crítico da bibliografia especializada com uma das mais célebres formulações de *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Rafael de Bivar Marquese (História-USP) sonda as relações entre a pintura de paisagem das fazendas de café do Vale do Paraíba e o contexto de crise da escravidão nas duas décadas que precederam sua extinção, elaborando um texto que oscila entre a análise interna das pinturas de Nicolas Facchinetti e Georg Grimm e a perquirição de sua inscrição no jogo de forças econômicas, sociais, políticas e culturais do período, atentando a aspectos como os processos de formação da paisagem (os estágios da produção do café, a presença de marcas visíveis de devastação ambiental) e a localização dos conjuntos arquitetônicos das fazendas.

Concorrendo para o adensamento dos trabalhos sobre cultura histórica no Brasil, Paulo César Garcez Marins (Museu Paulista-USP) reconstrói a trajetória da convenção pictórica da “pose monárquica” em pinturas e esculturas que representaram bandeiras na São Paulo do começo do século XX, pertencentes sobretudo ao acervo do Museu Paulista. Contribui, particularmente, para a elucidação dos termos formais e circuitos específicos em que se estabeleceram as conexões entre arte, historiografia e ideologia em São Paulo, ao mostrar, por exemplo, como a adequação de retratos ao princípio do *decorum* foi determinada ou recomendada mesmo por historiadores adeptos do rigor de crítica documental correspondente à atualização do paradigma varnhageniano.

Já Edu Teruki Otsuka (Letras-USP) revisita as questões centrais colocadas no clássico de Antonio Candido, a “Dialética da malandragem”, publicado em 1970 pela própria Revista do IEB (disponível em [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br)). Procede a uma nova interpretação das *Memórias de um sargento de milícias*, examinando um princípio estruturador a que denomina “espírito rixoso”: a tendência para a discórdia pessoal e a violência que marca tanto o padrão de comportamento dos personagens do romance como a perspectiva do narrador. Caracteriza a lógica desse espírito e do conceito de sujeito a ele vinculado, procurando uma explicação histórica e social da obra, que encontra na lógica da sociedade escravista periférica e da reprodução das clivagens sociais.

Em seguida, o artigo de Maria Ruth Amaral de Sampaio (FAU-USP) propõe uma reflexão sobre o urgente tópico dos cortiços na cidade de São Paulo, tematizando as relações entre a produção do conhecimento em Ciências Sociais – entendidas

em vasto leque de disciplinas – e os processos de discussão, formulação e implementação de políticas públicas no campo da habitação de interesse social na cidade. Com grande experiência prática e de pesquisa sobre o assunto, a Professora traça um histórico dessas relações e, chegando ao contexto de crise da Política no presente, cobra das Ciências Sociais engajamento e propostas.

Os três últimos artigos, de Willi Bolle (Letras-USP), Ettore Finazzi-Agrò (Universidade de Roma La Sapienza) e Heloisa Vilhena de Araujo (Ministério das Relações Exteriores), versam sobre a obra de Guimarães Rosa e seu significado sociológico, político e cultural, tendo se originado de comunicações proferidas no seminário “50 anos de *Grande sertão: veredas e Corpo de baile*”, promovido pelo IEB em 2006.

As demais seções da Revista trazem resenhas de Peter Burke, Marcos Antonio de Moraes, Simone Ruffato, João Marcos Lopes e Adriano Schwartz; um texto sobre a atuação do corpo técnico do IEB no tratamento de salvaguarda em acervo cedido pela Justiça Federal de São Paulo; e informes de eventos ou documentos de interesse público gestados no âmbito do Instituto ou concernentes a suas atividades, como o texto da fala do Ministro da Cultura Gilberto Gil, pronunciada na ocasião do lançamento da pedra fundamental do prédio da nova sede do IEB e da Biblioteca Guita e José Mindlin.

A nota triste da edição vai para a morte do filósofo Bento Prado Jr., que contribuiu com um magnífico artigo, intitulado “Entre Narciso e o colecionador ou o ponto cego do criador”, para o número 43 da Revista, lançado em setembro de 2006, e cuja colaboração era também esperada para este número 44.

O EDITOR